

DE GAULLE – UM OLHAR DA FRANÇA SOBRE A ALEMANHA

Quando, em 8 de Julho de 1962, o Presidente da França, general Charles de Gaulle, e o Chanceler alemão, Konrad Adenauer, se encontraram na catedral de Reims, para oficializar a reconciliação entre dois países ancestralmente inimigos, nascia um novo eixo da política europeia, responsável por grande parte da estabilidade continental das três décadas seguintes.

Para além das considerações de índole geopolítica que sustentavam essa reconciliação, podia causar admiração que esse gesto de estender a mão a um antigo inimigo fosse promovido por um militar que se batera nas duas guerras mundiais contra a Alemanha, na 1.^a sendo ferido e aprisionado, e na 2.^a rebelando-se contra o seu governo, não aceitando o armistício de 1940.

Desde Março de 1916, o capitão de Gaulle fica na condição de prisioneiro de guerra dos Alemães. Não descarta o dever de fugir do campo de prisioneiros, o que tenta, sem sucesso, por cinco vezes, incluindo uma evasão no interior de um cesto de roupa suja, que, todavia, se goraria antes de conseguir alcançar uma fronteira amiga. O último e mais prolongado local de cativeiro seria em Ingolstadt (Baviera), no Forte IX, onde de Gaulle se torna num observador atento dos seus carcereiros e vai seguindo, pela imprensa local, o desenvolvimento do conflito. Os jornais alemães, ao contrário dos franceses, raramente censuravam os comunicados de guerra do inimigo, pelo que de Gaulle ia tomando conhecimento do que ambas as partes tornavam público. Ocasionalmente, também lograva ler jornais da Suíça neutral.

Da impressão colhida nos 32 meses em que esteve prisioneiro, o futuro presidente francês não teve qualquer acanhamento em dedicar à Alemanha, de forma elogiosa, as três primeiras linhas da também primeira obra que publicou, em 1924:

A derrota alemã não pode impedir a opinião pública francesa de prestar aos nossos inimigos a homenagem de que são merecedores pela energia dos chefes e pelos esforços dos executantes.¹

Em 1934, em nova obra que publica, de Gaulle adianta mesmo um pensamento de colaboração entre os dois povos inimigos:

Entre Gauleses e Germanos, as vitórias alternadas nada decidiram nem saciaram. Por vezes, exaustos pela guerra, os dois povos parecem reaproximar-se, assim como dois lutadores cambaleantes que se apoiam um ao outro. Mas, uma vez restabelecidos, cada um se empenha em vigiar o adversário. Uma tal instabilidade está na natureza das coisas. Não há obstáculo geográfico para apartar as duas raças. A osmose perpétua daí resultante é certo que teve como consequência a multiplicação das influências recíprocas, mas também tornou arbitrário qualquer limite das esferas de acção. Por onde passe, a fronteira franco-alemã é o lábio de uma ferida. Donde quer que sopra, o vento que a varre vem prenhe de segundas intenções.

A oposição dos temperamentos aviva este azedume. Não está em causa que cada um desconheça o valor do outro e que, por vezes, não se ponha a sonhar **nas coisas grandiosas que poderiam fazer em conjunto.**²

Mas é na Europa pós-1945 que esse olhar esperançoso que de Gaulle lançara sobre o seu poderoso vizinho se iria converter numa verdadeira linha política de aproximação e quase preferência. Quando, em 1958, de Gaulle regressa à política para liderar o governo da França e, em Janeiro de 1959, assumir a presidência da V República, está consciente de que o país

¹ DE GAULLE, Charles, *La discorde chez l'ennemi*, p. V.

² DE GAULLE, Charles, *Vers l'Armée de Métier*, pp. 25-26. Sublinhado nosso.

necessita de concluir as tarefas de descolonização para meter ombros às tarefas europeias decorrentes do Tratado de Roma.³ Segundo de Gaulle, o tratado...

...leva-nos a pôr em prática a Comunidade Económica dos Seis; a provocar a sua concertação regular no domínio político; a proceder de modo que alguns outros, antes de todos a Grã-Bretanha, não arrastem o Ocidente para um sistema atlântico que seria incompatível com qualquer possibilidade de uma Europa europeia...⁴

A construção europeia não pode, segundo de Gaulle, ignorar os aspectos determinantes da geografia continental, devidamente ponderados em função das realidades da História:

No coração do problema e no centro do Continente encontra-se a Alemanha. É seu destino que nada possa ser construído sem ela e que nada tenha dilacerado mais o Mundo Antigo do que as suas acções. Não há dúvida de que, presentemente, talhada em três parcelas, em cada uma das quais estacionam forças dos seus vencedores, ela não ameaça ninguém. [...] Assim sendo, considero necessário que faça parte integrante da cooperação organizada de Estados que tenho em vista para o conjunto do nosso Continente. [...] Enfim, entendo agir de tal modo que a França teça com a Alemanha uma rede de laços preferenciais que, pouco a pouco, levarão os dois povos a compreender-se e a estimar-se.⁵

Em Setembro de 1958 – no período em que de Gaulle é ainda primeiro-ministro –, o chanceler alemão, Konrad Adenauer, solicita a de Gaulle uma entrevista. Em vez de o receber no Hôtel Matignon, residência oficial do chefe do governo, o general recebe-o na sua residência particular de Colombey-les-deux-Églises, vindo a expressar, mais tarde, a razão dessa opção:

Parece-me, com efeito, ser conveniente dar ao encontro uma marca excepcional e que, pela explicação histórica que vão ter entre ambos, em nome dos seus povos, este velho francês e este velhíssimo alemão⁶, o enquadramento de uma casa de família confere um significado acrescido que o cenário de um palácio não proporcionaria.⁷

No conforto dessa intimidade que o local favorece, Adenauer não tarda a dizer ao que vem:

Venho até vós porque considero-o como alguém que está em condições de orientar o curso dos acontecimentos. A sua personalidade, aquilo que o senhor já fez ao serviço do seu país, enfim, as condições em que retomou o poder, conferem-lhe os meios para tal. Ora, os nossos povos encontram-se, um em relação ao outro, actualmente e pela primeira vez, numa situação que lhes permite estabelecer as suas relações em bases inteiramente novas, de uma cordial cooperação. [...] Trata-se, agora, de saber se algo de durável vai ser realizado. [...] Se a aproximação real dos nossos países está nas suas intenções, permita que lhe diga que estou decidido a trabalhar consigo nesse sentido, e que, sobre esta matéria, tenho eu próprio algumas possibilidades. Com efeito, há onze anos que desempenho as funções de Chanceler, e, apesar da minha avançada idade, julgo que posso continuar a desempenhá-las durante algum tempo.⁸

³ Tratado Constitutivo da Comunidade Económica Europeia (CEE), assinado, em 25 de Março de 1957, por Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo (os *Seis*, como correntemente se designaram).

⁴ DE GAULLE, Charles, *Mémoires d'Espoir – Le Renouveau – 1958-1962*, p. 182.

⁵ *Ibidem*, p. 183.

⁶ Nessa data, de Gaulle está quase nos 68 e Adenauer quase nos 83.

⁷ DE GAULLE, Charles, *Mémoires d'Espoir – Le Renouveau – 1958-1962*, p. 184.

⁸ *Ibidem*, pp. 184-185.

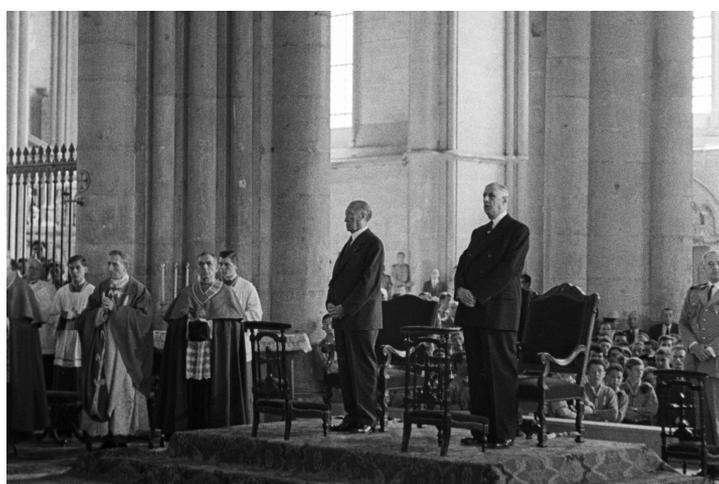
Seguidamente, Adenauer procura saber qual o rumo que de Gaulle pretende imprimir aos destinos da França. O chefe do governo francês reafirma o desejo de um novo relacionamento com a Alemanha, no seio de uma Europa em fase de construção. Para Adenauer, a França pode, em prol da nova Alemanha, desempenhar um papel essencial em dois objectivos de médio prazo e um terceiro mais afastado: recuperar a consideração e a confiança dos outros povos europeus, contribuir para a sua defesa face à ameaça soviética e admitir o direito da Alemanha à unificação, num futuro indefinido. De Gaulle, mostrando-se disposto a ir ao encontro das aspirações germânicas, sinaliza ao Chanceler alemão algumas condições inegociáveis: as fronteiras tal como desenhadas após o final da guerra, uma atitude de boa vontade para com os países do Leste, a renúncia às armas nucleares e “uma paciência a toda a prova no que concerne à unificação”. Com grande pragmatismo, Adenauer acomoda-se às ideias expressas pelo general.

Ao encerrarem as conversações de Colombey-les-deux-Églises, os dois homens de Estado decidem proceder de modo a que os dois países estabeleçam entre si, em todos os domínios, relações directas e preferenciais. Até meados de 1962, de Gaulle – já Presidente da República – e Adenauer encontrar-se-ão por quinze vezes e irão manter uma ligação epistolar permanente. Finalmente, em Julho de 1962, chega o momento apropriado para uma manifestação pública de reconciliação.



De Gaulle e Adenauer na revista de Mourmelon (08-07-1962)

Assim, em 8 de Julho, Adenauer e de Gaulle encontram-se no Campo Militar de Mourmelon, próximo de Reims. Aí, os dois líderes, lado a lado numa viatura de comando, passam revista a duas divisões blindadas, uma de cada país. Seguidamente, assistem, numa tribuna, ao desfile das tropas, enquanto meios aéreos de ambos os países sobrevoam o local.



Cerimónia de reconciliação na catedral de Reims (08-07-1962)

Concluída essa cerimónia militar, dirigem-se para Reims, onde, na catedral local, decorrerá uma comovente cerimónia de reconciliação formal entre os dois antigos inimigos. Sigamos a descrição do próprio de Gaulle:

Na catedral, cujas marcas da guerra não estão, ainda, todas restauradas, o presidente francês e o chanceler alemão unem as suas orações para que, dos dois lados do Reno, as obras da amizade substituam, para sempre, as desgraças da guerra.⁹



Lage da catedral de Reims evocativa da cerimónia de reconciliação franco-alemã

A etapa seguinte dessa reconciliação – sempre com os olhos no fortalecimento do projecto europeu – é a assinatura do *Tratado do Eliseu* ou *Tratado de Cooperação Franco-Alemã*, em 22 de Janeiro de 1963.



Assinatura do Tratado do Eliseu - 22/01/1963

Depois dos formalismos da introdução, o texto do Tratado afirmava o seguinte:

⁹ *Ibidem*, p. 191.

Convencidos de que a reconciliação do povo alemão e do povo francês, pondo fim a uma rivalidade secular, constitui um acontecimento histórico que transforma profundamente as relações entre os dois povos;

Conscientes da solidariedade que une os dois povos, tanto do ponto de vista da sua segurança como do ponto de vista do seu desenvolvimento económico e cultural;

Constatando, em particular, que a juventude tomou consciência desta solidariedade e se encontra convocada a desempenhar um papel determinante na consolidação da amizade franco-alemã;

Reconhecendo que um reforço da cooperação entre os dois países constitui uma etapa indispensável na rota da Europa unida, que constitui o objectivo dos dois povos;

[os signatários...]

Deram o seu acordo à organização e aos princípios da cooperação entre os dois Estados, nos termos em que são estabelecidos no Tratado assinado na data deste dia.¹⁰

Muito significativamente, apenas uma semana antes (14 de Janeiro), numa conferência de imprensa, de Gaulle havia rejeitado a hipótese da Grã-Bretanha aderir à CEE¹¹. De Gaulle não se equivocava. O Reino Unido, por razões geográficas e históricas, tenderia, sempre, a ser um perturbador da Unidade Europeia.

David Martelo – Fevereiro de 2017

¹⁰ <http://historien.geographe.free.fr/traiteelysee22janvier1963.pdf>

¹¹ Ver neste Blog o artigo *DE GAULLE E O VETO DA FRANÇA À ENTRADA DA GRÃ-BRETANHA NA CEE*, na secção “Europa”.